FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES EM MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: MOTIVAÇÕES E AVALIAÇÃO

Elisabete Pinto da Costa¹ e Ilda Costa²

¹CeIED- Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento - elisabete.pinto.costa@gmail.com

² Universidade Lusófona - il_costa@sapo.pt

Resumo. A escola é um espaço de socialização, que atualmente se confronta, cada vez mais, com problemas sociais e de convivência que condicionam o processo de ensino e aprendizagem. A profissão docente exige uma constante atualização para melhor acompanhar a evolução científica e social e melhor contribuir para a formação integral do aluno. Neste contexto, a formação contínua em mediação de conflitos visa promover conhecimentos e potenciar estratégias socioeducativas que promovam a convivência escolar. O objetivo geral deste estudo consiste em compreender as razões dos professores fazerem formação contínua em mediação de conflitos e como avaliam essa formação. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, com recurso à entrevista semiestruturada para a recolha de dados e à análise de conteúdo para análise dos mesmos. Os resultados obtidos apontam que os professores decidem realizar esta formação porque a escola mudou e em virtude da existência de problemas disciplinares. Consideraram-na importante para a atualização de conhecimentos e de estratégias, conduzindo a um melhor desempenho profissional.

Palavras-chave: Formação Contínua de Professores; Mediação de Conflitos; Investigação Qualitativa.

CONTINUING TEACHER EDUCATION IN CONFLICT MEDIATION: MOTIVATIONS AND EVALUATION

Abstract. The school is a space for socialization, which nowadays is confronted, more and more, with social and coexistence problems that condition the teaching and learning process. The teaching profession requires constant updating to better follow scientific and social developments and better contribute to the integral education of the student. In this context, continuous training in conflict mediation aims to promote knowledge and enhance socio-educational strategies that promote school coexistence. The general objective of this study is to understand the reasons for teachers to carry out ongoing training in conflict mediation and how they evaluate this training. Methodologically, it is a qualitative study, using semi-structured interviews for data collection and content analysis for data analysis. The results obtained show that teachers decide to carry out this training because the school has changed and due to the existence of disciplinary problems. They considered it important for updating knowledge and strategies, leading to better professional performance.

Keywords: Continuing Teacher Training; Mediation of Conflicts; Qualitative Research.

1. INTRODUÇÃO

A Escola apresenta como função formar cidadãos competentes que sejam capazes de agir de forma eficaz e responsável numa sociedade em constante e ampla evolução científica e tecnológica. Na perspetiva de Pinto da Costa e Teles (2015, p. 707), a “cidadania é um marco da Escola, enquanto comunidade”, porquanto a cidadania implica valores éticos e sociais que permitem interagir em comunidade. As situações de conflito são inevitáveis na escola, enquanto microcosmos da sociedade, pelo que se advoga uma intervenção socioeducativa de modo a transformá-lo em situações de aprendizagem e enriquecimento pessoal. Ora, num perspetiva mais ampla, sendo a escola um espaço social, relacional e educacional importa

que se desenvolvam, como refere Vieira (2013, p. 24), “práticas de justiça curricular e social, de solidariedade e respeito pelas competências sociais e profissionais de cada um numa lógica de cidadania escolar e social” e que garantam uma sã e harmoniosa convivialidade.

A mediação promove o reconhecimento mútuo com base no diálogo, na escuta ativa, no pensamento crítico e no respeito pela alteridade (Silva, 2017). Atendendo às suas características e assentando num processo transformador, a mediação de conflitos apresenta-se como uma mais-valia para o contexto escolar. A formação em mediação de conflitos pode contribuir para uma melhor gestão dos problemas de convivência na sala de aula e na escola em geral. Assim, para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, bem como para uma maior aposta na educação integral dos alunos, os professores têm optado por realizar formação contínua em mediação de conflitos. A formação contínua é considerada essencial para a construção do conhecimento ao longo da vida, pois os saberes não podem ser considerados estanques e é por isso que se argumenta que o saber do professor é um saber incompleto (Canário, 2006).

Perante o cenário teórico e empírico acima identificados e ainda dada a reduzida existência de estudos científicos sobre a temática, formulou-se a seguinte questão de partida: Quais as razões e como avaliam os professores a formação contínua em mediação de conflitos? Decorrente desta pergunta de partida, propôs-se o seguinte objetivo geral do estudo: compreender as razões dos professores em fazer formação contínua em mediação de conflitos e saber como estes avaliam essa formação. Em função da questão de pesquisa e do objetivo de estudo apresentados, realizou-se um estudo qualitativo, na medida em que o objetivo é compreender o fenómeno social e encontrar significados através das narrativas dos informantes privilegiados,

Através da construção e aplicação de uma entrevista semiestruturada pretendeu-se: i) perceber quais as necessidades dos professores em fazer formação em mediação de conflitos; ii) analisar como os professores avaliam a formação contínua em mediação de conflitos, e iii) identificar quais as opções dos professores para fazer formação contínua. A opção pelo estudo qualitativo e pela entrevista revelaram-se de enorme mais-valia, porquanto permitiram um maior conhecimento da realidade a partir das perceções, opiniões e avaliações dos participantes.

1.1 Formação Contínua de Professores

Vivemos numa sociedade global em constante mudança. Para que seja possível enfrentar os desafios inerentes à mudança social é de extrema importância que no sistema educativo, também ele em mudança, se reflita “sobre a relação entre o ato de ensinar e o ato de aprender no seio da Escola” (Trindade & Cosme, 2010, p. 14), de modo a munir os alunos com as competências necessárias para enfrentar, com sucesso, os desafios de uma sociedade cada vez mais competitiva e multicultural.

Os desafios com que o professor se depara são muitos e de grande responsabilidade. Este tem como função formar indivíduos com espírito crítico, que sejam autónomos e capazes de viver em sociedade. Contudo, com o fenómeno da globalização e evolução tecnológica assiste-se a uma acelerada mudança das sociedades, que obriga os seus cidadãos a uma constante atualização das suas aprendizagens, nomeadamente nos domínios do saber, do saber-fazer e do saber-estar-ser.

Perante a complexidade da sociedade e também pela diversidade de alunos com que lida no seu quotidiano, o professor deve reunir um conjunto de competências multifacetadas em constante atualização. A formação inicial constitui a base científica e profissional do professor. Porém, não se tem verificado uma relação direta entre essa formação e o desempenho profissional. Daí a necessidade, de acordo com Canário (2006), de os professores fazerem formação contínua.

Segundo Roldão (2017, p. 192), a “Formação Contínua” é, frequentemente, utilizada no cenário educacional. Está, de certo modo, associada à qualidade da educação e, por sua vez, à qualidade do ensino. A formação contínua tem como objetivo capacitar os docentes para um melhor desempenho pedagógico. Estes procuram encontrar nela estratégias que promovam o sucesso dos alunos bem como mudanças na comunidade escolar, de modo a promover o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua integração na sociedade. Assim, é possível inferir que a formação contínua de professores deve estar associada à atividade docente e obedecer aos requisitos do perfil profissional. Consequentemente, a formação contínua (especializada ou de carácter transversal) deve ser pensada numa perspetiva de atualização de saberes e promoção de competências necessárias ao adequado desempenho profissional. Através da formação contínua os professores procuram aprofundar saberes e competências promotores de inserção social, de empregabilidade e de exercício de cidadania dos alunos.

1.2 Mediação de conflitos em contexto escolar

Segundo Torrego (2003, p. 5), a mediação é “um método de resolução de conflitos, em que duas partes em confronto recorrem, voluntariamente, a uma terceira pessoa, imparcial, o mediador, a fim de chegarem a um acordo satisfatório” para ambas as partes envolvidas. Do ponto de vista de Pinto da Costa (2019), esta definição assenta numa abordagem tecnicista ou instrumental da mediação de conflitos. A autora aponta uma definição mais ampla ao referir que a mediação de conflitos é também um meio de criação e/ou renovação de laços interpessoais, um processo de diálogo e de reencontro interpessoal e um método de gestão da convivência.

A “escola para todos” importou para este contexto mais tensões e, concomitantemente, exigiu outras estratégias de ação, como por exemplo a mediação. A necessidade de fomentar a convivência, a facilitação da comunicação na pluralidade de interações sociais explica a adequabilidade da mediação em contexto escolar. A mediação apresenta-se como uma metodologia de inovação social e tem como principal objetivo identificar os interesses e necessidades e conseguir entendimentos de ganhos mútuos (Pinto da Costa, 2019). A mediação em contexto escolar não tem, apenas, como finalidade responder aos conflitos (frequentemente associados à indisciplina e à violência). A mediação de conflitos na escola assume-se como um processo de (re)construção social, um processo educativo e um modo de construir uma *sã* convivência.

A mediação permite potenciar competências e habilidades nos professores para a resolução construtiva e transformativa de diferendos através da comunicação, da escuta ativa e do respeito mútuo, promovendo-se a autonomia e a responsabilização e proporciona à Escola uma melhoria do clima social.

2. METODOLOGIA

A investigação qualitativa, que se realizou para este estudo, adequa-se à compreensão da problemática em estudo. Segundo Amado (2016, p. 57), esta metodologia de investigação promove no investigador a capacidade reflexiva facilitando a compreensão da realidade e conferindo mais confiança no “como” e no “porquê” sobre o objeto e o processo de pesquisa, e, assim, compreender, interpretando, os significados das subjetividades e das interações que se desenvolvem no contexto de estudo. A investigação qualitativa assume uma dimensão naturalista, descritiva, interpretativa e indutiva.

2.1 Objetivos

Como objetivo geral do estudo visa-se compreender as razões dos professores em fazer formação contínua em mediação de conflitos e como este avaliam essa formação. Como objetivos específicos pretende-se: i) reconhecer as necessidades dos professores em fazer formação em mediação de conflitos; ii) analisar a forma como os professores avaliam a formação contínua em mediação de conflitos; iii) identificar as opções dos professores quanto à formação contínua.

2.2 Participantes

Foram nove professores que participaram no estudo, seis do sexo feminino e 3 do sexo masculino com idades compreendidas entre os 33 e 62 anos pertencentes a cinco Agrupamentos de Escolas/Escolas não agrupadas da zona norte do país e um professor que não tinha conseguido colocação. Todos tinham feito a formação em mediação de conflitos (entre 8 anos e 1 ano).

2.3 Método e procedimento

A entrevista semiestruturada foi o instrumento selecionado para a recolha de dados para o estudo. Esta compunha-se por um conjunto de questões formuladas previamente que serviram apenas de orientação ao longo da entrevista. De um modo mais específico, a entrevista consiste numa conversa entre o entrevistador e o entrevistado e tem como objetivo obter informação relevante e pormenorizada para o seu trabalho de pesquisa, permitindo-lhe, também, um melhor entendimento da relação entre os factos. A entrevista permite ainda aprofundar assuntos que necessitem de uma maior explicitação (Santos, 2013).

Nesse sentido, através da entrevista semiestruturada, pretendeu-se captar a subjetividade de quem é participante ativo das dinâmicas e das interações que se estabelecem no seu contexto. Teve-se em conta que a principal vantagem do recurso a esta técnica consiste no facto da mesma permitir recolher um conjunto diversificado de informação, através da emissão de opiniões, perceções e convicções, promovendo um grande enriquecimento da investigação que se quer compreensiva dos fenómenos sociais (Sardo, 2010).

No respeito pelos requisitos metodológicos, procedeu-se à preparação cuidada do guião da entrevista. Assim, organizou-se um conjunto de perguntas que teve em conta os objetivos da investigação e, em concreto, as categorias extraídas da revisão de literatura. Segundo Flick

(2005, p. 78), “a concepção do guião e a sua condução têm de obedecer a quatro critérios: não diretividade, especificidade, amplitude e profundidade e ainda a atenção ao contexto pessoal do entrevistado”. O cumprimento de tais critérios permite ao investigador obter dados extremamente valiosos sobre o objeto de estudo.

A entrevista foi gravada e depois transcrita para texto escrito. Para a análise de dados recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, uma vez que esses dados se enquadram no grupo dos qualitativos. Bardin (1995) define análise de conteúdo como sendo um conjunto de técnicas de análise que utilizam objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens e procedimentos sistemáticos de caráter qualitativo, com principal objetivo de converter um texto extenso a um conjunto de categorias de conteúdo, devendo o sistema de categorias ser objetivo e fiável pois só assim é que se pode garantir que a investigação produza resultados válidos.

Assim, optou-se, segundo a análise de conteúdo, por proceder a uma codificação de unidades de registo do texto das entrevistas, segundo uma categorização prévia e também de uma categorização emergente. Em concreto, a informação recolhida foi codificada e inserida na matriz de categorização organizada por blocos, categorias, subcategorias produzidas a partir da teoria ou que iam surgindo em consequência da exploração analítica e interpretativa dos dados.

Quanto às questões éticas da investigação há que salvaguardar a intimidade e a privacidade de cada participante bem como as questões de caráter mais pessoal pelo que o investigador deve garantir que esses dados estão protegidos. A confidencialidade e o anonimato dos participantes no nosso estudo foi assegurado pela utilização de um código constituído por duas letras e um algarismo.

3. ANÁLISE DE RESULTADOS

3.1 Quanto às razões para fazer formação contínua em mediação de conflitos

A análise dos resultados obtidos através das entrevistas feitas (n=9) permitiu-nos inferir que os professores entrevistados procuraram realizar formação contínua em mediação de conflitos porque reconheceram que o público que frequenta a escola está a mudar e que surgem, com mais frequência, problemas relacionados com a indisciplina. A título de exemplo referem-se algumas expressões proferidas pelos entrevistados: *“termos consciência que existia*

problemas disciplinares” (PA1); “... sentia que havia necessidade de aprofundar conhecimentos e ... em relação às questões de indisciplina...” (PA6); “... a mediação de conflitos achei que era uma proposta muito interessante ...” (PA6). Mais especificamente, um respondente afirmou ter sentido necessidade em fazer a formação em mediação de conflitos pelo facto de se ter apercebido que a escola mudou: “... porque a escola mudou ... nós sentimos essa necessidade, ... apercebemo-nos que havia necessidade de complementarmos a nossa formação a um nível mais científico” (PA8). Um outro respondente considerou que a formação contínua em mediação escolar fazia sentido e seria valiosa para abordar as problemáticas que envolvem os alunos: “...faz sentido ... pelas problemáticas todas de hoje em dia dos miúdos e achei que seria uma formação valiosa ...” (PA4) e ainda outro professor entrevistado referiu que na sua escola atendiam muitos alunos e que era necessário aprender uma forma eficaz de lidar com eles: “... aqui nós atendemos muitos alunos...”; “... sentimos essa necessidade de fazer a formação nessa área. Aprender ... como agir e lidar com os miúdos e resolver situações” (PA9).

Ora, as necessidades em fazer formação em mediação reportaram-se aos seguintes factos: a) necessidade de atualizar estratégias de resposta às problemáticas sociais na escola, associadas à indisciplina dos alunos (n=3); b) necessidade de aprofundar conhecimentos para intervir na indisciplina escolar (n=2); c) necessidade de aprender como implementar a mediação na escola e dar resposta a projetos já existentes ou a existir (n=3). Assim, a perceção de mudança e, conseqüentemente, de problemáticas sociais na escola, denunciada pelos professores entrevistados, é explicativa da necessidade em fazer formação contínua em mediação de conflitos.

3.2 Quanto à avaliação da formação contínua em mediação de conflitos realizada

Os professores avaliaram a formação contínua em mediação de conflitos como muito positiva e muito interessante: “foi muito positiva” (PA1); “Muito positiva, muito interessante”. (PA2) Houve quem referisse que essa formação lhe forneceu ferramentas para atuar com diversos tipos de atores:

“Foi uma mais valia das ferramentas para nós atuarmos não só a curto prazo como a longo prazo” (PA1); “ajuda-nos a lidar com alunos, a lidar com colegas” (PA1); “a formação em mediação de conflitos é importante, dá-nos ferramentas para nós lidarmos com os alunos e com as pessoas de uma forma diferente e acho que é bastante positiva” (PA1).

Um participante referiu que trabalhou situações concretas em sala de aula e continua a colocar a mediação em prática:

“Atualmente continuo a tentar pôr em prática essa formação e continua a servir de lema a ter presente na própria sala de aula e no recreio, nos espaços em que me vou encontrando com os alunos” (PA2).

Um professor avaliou positivamente os resultados da formação em mediação de conflitos, tanto no momento da sua realização como atualmente: *“Positivamente”; “Agora também positivo”* (PA7). Um grupo dos participantes avaliou a formação em mediação como *“muito boa”* (PA3), uma vez que potenciou e continua a potenciar a confiança para atuar e o sentido de responsabilidade, demonstrando-se útil para os professores respondentes e também para a escola.

“Muito boa, gostei muito da formação, ajudou-me muito e deu-me (...) por um lado mais confiança, mas por outro lado, uma responsabilidade enorme de saber que o papel do mediador é um papel muito difícil”; (PA3) “Muito boa, gostei muito da formação, ajudou-me muito (...)” (PA8); “foi de tal maneira que eu e a minha colega... começamos logo a aplicar. Passamos logo à prática...” (PA6); “Muito boa. Gostei imenso. Gostei mesmo muito. Tanto que gostamos que resolvemos trazê-la para aqui. Foi uma mais-valia” (PA9).

Houve um docente que referiu que atualmente continua a avaliar a formação como *“muito boa”* (PA3), sentindo-se mais à vontade para atuar segundo a mediação:

“Atualmente essa formação continua a fazer imenso sentido embora ... eu já não esteja tão presa como estava no início e eu ... não fugindo dos princípios fundamentais já arranjei a minha própria forma de estar e de resolver com eles os problemas” (PA3).

Outro entrevistado ainda referiu que a formação *“continua muito presente”* (PA8).

Na perspetiva de outro respondente a formação em mediação foi e continua sendo uma mais-valia: *“Foi uma mais-valia e continua a sê-lo”* (PA9). E ainda o que considerou que a formação foi muito benéfica: *“Foi muito benéfica”* (PA5). Um respondente afirmou que ficou muito satisfeito e na atualidade o sentimento mantém-se: *“... fiquei imensamente satisfeito...”* (PA4); e ainda o mesmo referiu que *“Atualmente continuo a avaliar exatamente da mesma forma”* (PA4).

Resumindo, os docentes entrevistados, avaliaram, de um modo geral, a formação em mediação como sendo muito boa/positiva, tanto após a sua realização como no presente, confirmando, desde então, a permanência da sua utilidade e a atualidade da sua aplicação.

3.3 Quanto às opções de formação contínua de professores

Verificou-se que cinco (n=5) professores respondentes referiram que escolhem primeiramente a formação contínua nas suas áreas disciplinares.

“Dentro de duas áreas. Na área da minha disciplina (...) (PA2); “... formação na minha disciplina, na minha área (...) (PA3); “Algo direcionado ... com a minha área em particular ...” (PA4); “... formação específica na área [da disciplina] de inglês” (PA1); “Mais na minha área, sempre” (PA5).

Os professores respondentes também referiram que procuram realizar formação nas áreas mais transversais, como por exemplo: indisciplina, cidadania, sociedade, inclusão, relacionamentos interpessoais e mediação, inteligência emocional, literacias mediáticas, TIC:

“... depois algo mais transversal que vai sempre de encontro a esta realidade que é indisciplina na sala de aula ...” (PA2); “Problemas de convivência sim, problemas relacionais, interpessoais, cidadania” (PA2); “(...) nestas áreas mais pedagógicas mais transversais” (PA3, 249) (...) “... de gestão de disciplina na sala de aula...” (PA3); “...algo relacionado precisamente ou com a sociedade, ou com inclusão ...” (PA4); “Aquele que para mim me faça sentido, mas gosto muito de tudo o que tenha a ver com mediação, ... tudo o que tenha a ver com a parte humanas” (PA9); “(...) da área da inteligência emocional ...” (PA7); “nas literacias mediáticas...” (PA8); “... na área das TIC (...) (PA1).

Um dos respondentes chama a atenção para o facto de que a escolha da formação contínua pode depender de três fatores: i) as exigências que se colocam no momento ao professor; ii) a pertinência e utilidade da formação contínua e iii) as condições pessoais para realizar essa formação (como por exemplo, tempo disponível):

“Procuo realizar aquela que, de acordo com os momentos que estou a atravessar, me pareça mais oportuna, das que aparecem (...) há formação que a gente gostava e que não tem oportunidade ...” (PA6).

Em síntese, como refere Roldão (2008), o professor ensina vários saberes, incluindo os disciplinares, e, como advoga Canário (2006, p. 67), impõe-se, sobretudo, “repensar uma configuração da profissão do professor definida a partir das seguintes dimensões essenciais: analista simbólico, artesão, profissional da relação e construtor de sentido”. É neste campo

das exigências de uma profissão, em estreita ligação com a evolução social, que a formação contínua assume uma centralidade indiscutível para que o próprio professor não se sinta desfasado do seu tempo e, principalmente, possa dar o seu contributo para a educação integral dos alunos. Num sentido mais amplo, concorda-se com Ribeiro (2017, p. 68), para quem o que importa é “pensar nas finalidades da formação de professores para a justiça social” pelo que se enquadra, neste âmbito, a formação em mediação de conflitos.

4. CONCLUSÕES

Na tentativa de acompanhar a evolução da sociedade, a instituição escola também foi sofrendo alterações. A heterogeneidade humana, competitiva e sujeita a grandes transformações tecnológicas e digitais, que invadem as nossas escolas, exige aos professores saberes e competências profissionais que a formação inicial não lhes tem proporcionado (Ribeiro, 2017). Todavia, há competências que só podem ser adquiridas em contexto de trabalho “socialização profissional” (Canário, 2006), seja pela experiência do quotidiano escolar seja através da formação contínua que mais facilmente se podem focar em questões concretas.

Essa profissionalização continuada dos professores justifica-se não só pela necessidade de atualização, aprimoramento e inovação, mas também pela própria natureza do sistema de ensino que vem sofrendo alterações sucessivas para dar resposta aos desafios sociais.

Assim, a formação de professores deve ter em conta as problemáticas da contemporaneidade e apostar em profissionalidades competentes capazes de dar resposta aos desafios do dia-a-dia profissional e pessoal, bem como preparar cidadãos que sejam autónomos críticos, reflexivos, responsáveis e construtivamente interventivos na sociedade, isto é, cidadãos que saibam mobilizar competências.

Nesta perspetiva, foi importante para o nosso estudo perceber o interesse pela formação contínua em mediação de conflitos. Pela análise dos resultados é possível aludir que este grupo de entrevistados permitiu reconhecer um conjunto de razões para fazer a formação em mediação de conflitos. Entre os vários aspetos, como a ausência deste tema na formação inicial, destacou-se a necessidade de atualizar conhecimentos e estratégias de ação, porque reconheceram que o público que frequenta a escola está a mudar e que surgem, com mais frequência, problemas relacionados com a indisciplina, logo surge, a grande necessidade de resolução de problemas disciplinares. Porém, um conjunto de professores referiu que fez a

formação porque achou que era um desafio, uma mais-valia, devido às problemáticas dos alunos que chegam à escola e, conseqüentemente, a necessidade de ajudar esses alunos. Assim, compreendeu-se que os professores tinham como principal objetivo adquirir competências sócio educativas para lidar com os alunos e gerir situações de (in)disciplina. Um dos entrevistados referiu, mais do que uma vez, “a sociedade mudou” (PA8), importando então preparar-se para enfrentar essa mudança.

Conscientes da importância da formação contínua na vida profissional, os professores afirmam que a fazem para ficarem melhor preparados para enfrentar os desafios da sociedade em mudança. Conseguiu-se também compreender que os professores consideram a formação em mediação de conflitos como proveitosa, avaliando-a como muito boa e positiva, quer no passado como no presente. Os entrevistados destacaram um desenvolvimento muito útil de competências relacionais. Por outro lado, referem que as aprendizagens adquiridas se transformam em competências exercidas numa complementaridade entre teoria e prática. A generalidade dos professores confirmou que a formação em mediação de conflitos beneficia os modos colaborativos de atuação e promove a resolução construtiva dos conflitos.

Perante os resultados obtidos, constatou-se que a formação mais procurada pelos professores participantes no estudo insere-se, primeiramente, nas respetivas áreas curriculares, e, posteriormente, em áreas mais de âmbito transversal, como indisciplina e inclusão. Os professores também procuram formação em outras áreas que faça sentido, atendendo ao momento profissional em que se encontram. A formação contínua em mediação de conflitos constitui, como referem os autores citados no enquadramento teórico, uma mais-valia, na medida que fomenta a convivência pela gestão positiva das relações interpessoais e promove a criação de laços, tal como foi corroborado pelos nossos entrevistados. Por exemplo, neste âmbito um participante refere “faz sentido ... pelas problemáticas de hoje ...” (PA4) e ainda outro que diz “Aprender ... como agir e lidar com os miúdos...” (PA9).

Em síntese, a escola é um reflexo da nossa sociedade, como tal vem sofrendo constantes mudanças, patentes, nomeadamente, no seu modo de atuação. Hoje, a escola assume uma ação de grande amplitude, na qual deve saber conjugar, de forma inteligente, a transmissão do conhecimento científico com as aprendizagens sociais. Neste contexto, o professor tende a assumir um novo papel – o de mediador (Quinquioló, 2017).

5. REFERÊNCIAS

- Amado, J. (2016). A Formação em Investigação Qualitativa: Notas para a Construção de um Programa. In A. P. Costa, F. N. Souza & D. N. Souza (Orgs.). *Investigação Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios*. (pp. 39-67).
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Canário, R. (2006). *A Escola Tem Futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Pinto da Costa, E. (2019). *Mediação Escolar: da Teoria à Prática*. Lisboa: Edições Académicas Lusófonas.
- Pinto da Costa, E. & Teles, R. (2015). Mediação de conflitos: um exercício de cidadania. In Maria João Carvalho, Armando Loureiro e Carlos Alberto Ferreira (Org.), *Atas do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar*. Vila Real: SPCE, 706-715 (ISBN 978-989-704-188-4).
- Quinquilo, N. (2017). O Papel do Professor como Mediador de Conflitos entre Crianças da Educação Infantil. *UNITAU, Taubaté/SP*, 10, (18), 116 – 125.
- Ribeiro, D. (2017). Formação profissional de professores: Desafios de contemporaneidade. In M. A. Flores, M. A. Moreira & L.R. Oliveira (Orgs. e Revisão), *Desafios curriculares e pedagógicos na formação de professores*. (pp. 85-96). (2ª ed.). Lisboa: De Facto Editores.
- Roldão, M. C. (2017). Formação de professores e desenvolvimento profissional. *Rev. educ. PUC-Camp.*, 22(2), 191-202. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/>.
- Roldão, M. C. (2008). *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*. Disponível em: <http://repositorio.esept.pt/>.
- Santos, M. M. (2013). *Formação contínua de professores em contextos laborais colaborativos – seus reflexos nas conceções e práticas profissionais*. (Tese de Doutoramento não publicada), Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8744/1/ulsd65965_td_tese.pdf.
- Sardo, L. M. (2010). Os desafios do professor no século XXI: as suas competências profissionais no cumprimento da missão da escola. (Dissertação de mestrado), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/15632/1/Dissertação.pdf>.
- Silva, A. (2017). O que é a Mediação? Da conceptualização aos desafios sociais e educativos. In M. Flores, A. Silva & S. Fernandes (Orgs.), *Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional*. (pp. 18-34). Santo Tirso: De Facto Editores.
- Torrego, J. (2003). *Modelo integrado de mejora de la convivencia. Estrategias de mediación y tratamiento de conflictos*. Barcelona: Graó.
- Trindade, R. & Cosme, A. (2010). *Educar e Aprender na Escola: Questões desafios e respostas pedagógicas*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Vieira, A. M. (2013). Da Educação e da mediação de tensões sociais, indisciplina e violência na escola. *Caderno pedagógico, Lajeado*, 10(2), 183-198.